



ABATALLA

A classe operária acaba de dar ao país o mais nobre exemplo de solidariedade e de respeito pelas liberdades de que até hoje há memória em Portugal.

Diante do atentado ignóbil contra a livre expressão do pensamento, que se pretendeu perpetuar contra o órgão dos trabalhadores, levantaram-se, frementes de indignação, os quadros tipográficos dos jornais de Lisboa.

Depois do gesto admirável de virilidade e de coerência desses camaradas, A BATALHA sente-se mais forte do que nunca. Ela vive no espírito de todos os trabalhadores como a chama duma aurora nova que desponta.

E diante da consciência da classe operária de nada valerão as sujas conjuras da imprensa mercantilista.

Viva a liberdade de pensamento!
Viva o operariado organizado!

NÓS E A POLÍCIA

Uma entrevista interessantíssima
com o diretor da polícia de segurança do Estado

«A Batalha» impedida de apreciar o tratado de paz e a cena de suspensão.—Os seus redactores ameaçados de expulsão de Portugal

O diretor da polícia de segurança do Estado visitou anteontem as nossas modestas instalações. Encontravam-se presentes um camarada da nossa redação e outro da nossa administração. A visita de sua excelência requereria uma maior representação do nosso pessoal, mas encontrávamo-nos desprevidos, não se tendo o visitante feito anunciar previamente. O diretor da polícia de segurança do Estado não vinha só. Era, pelo contrário, numerosa e variada a comitiva que o seguia: guardas republicanos, guardas civicos, guardas de segurança, guarda-costas, guarda-napos, uma coleção completa onde, todas as espécies, classes e famílias de guardas estavam representadas.

— A que devemos a honra...?

O diretor da polícia de investigação vinha sinceramente passar uma busca às dependências de *A Batalha*. Os agentes da segurança do Estado buscam, rebuscam, vasculham, esgaratam, roçam. Temos, todavia de agradecer-lhes a gentileza de não nos terem arrombado as gavetas das secretárias de redação que se encontravam fechadas. E de haldade a confessar também que nada nos foi estragado ou danificado. Coisas comprazedoras, como quer que cá não existissem, não foram encontradas. Naturalmente. Por modo que a busca terminou sem conseqüências de maior.

— Os diretores da polícia de segurança do Estado não impediram a Alemanha de atacar as violências contra a Alemanha o tratado enceto. Os senhores persistem na orientação que até aqui tem seguido e *A Batalha* será suspensa e os senhores postos na fronteira, como elementos perturbadores.

— E' curioso! Mas o maior número das apreciações que a respeito do tratado de paz temos publicado tradom as literalmente de jornais francos e italianos. Nesses países, que também são aliados, está em vigor a censura todavia, isto permite as apreciações tratadas...

— Será assim! Mas eu não sou de polícia de segurança do Estado na França, nem na Itália nem na Espanha. Exerço este cargo em Portugal. Ora no nosso país existe um governo constituído, e é pela segurança dele me cumpre velar. Nesta conformidade, lhes comuniquei já o que se fará e *A Batalha* insistir. Estou, de resto, a proceder como anunciei, dentro do posto em leis que já existem...

— E se não existissem, criar-se-iam?

— Mas existem. O que não tem feito é coragem para applicá-las. Ora, tentou applicá-las em defesa do Estado, que o contrário seria não saber governar.

— Mas não sabe governar M. Salazar, posto que não recorreu a esses meios excepcionais.

— Mas não conseguiu tem a opinião

O SELAMENTO DE "A BATALHA"

As classes gráficas deliberaram suspender a publicação de todos os jornais, enquanto a BATALHA não pudesse circular

Assim que foi do conhecimento da opinião proletária, o encerramento de *A Batalha*, a agitação intensificou-se extraordinariamente. Os quadros tipográficos dos jornais, reuniram à noite, cerca das 22 horas, na sede da Federação do Livro e do Jornal, deliberando unanimemente, em cumprimento da deliberação tomada anteriormente de suspenderem a publicação dos jornais, no caso de suspensão ou assalto de *A Batalha* — declarar a greve em todos os jornais, enquanto não fossem arrancados os selos postos nas instalações do nosso jornal.

Foi em seguida nomeada uma comissão, composta de cinco membros dos quadros tipográficos, a fim de comunicar ao chefe da polícia de segurança do Estado, a resolução tomada. A comissão desempenhou-se da sua missão, deixando bastante surpreendido esse funcionário com a atitude decidida e energética dos gráficos. Ficou este de comunicar até as 9,30 da manhã à Federação, a reabertura de *A Batalha*, a fim de que os jornais da tarde já se pudessem publicar.

Em cumprimento da deliberação tomada, nenhum jornal saiu com efeito, esta manhã. Na sede da Federação do Livro e do Jornal, a animação foi grande durante toda a tarde, aguardando os gráficos dos periódicos da tarde a reabertura do nosso jornal, a fim de retomarem o trabalho.

Cerca das duas horas da tarde, alguns agentes da segurança do Estado, procederam, efectivamente, à inutilização dos selos que fechavam as portas de *A Batalha*. Imediatamente os tipógrafos dos jornais da tarde se puserem à disposição das respectivas empresas, sendo possível que, a despeito do adiantado da hora, alguns se publiquem.

Não queremos encerrar esta breve resenha de tão importante sucesso, sem afirmarmos a nossa satisfação pela solidariedade dos gráficos; que, com o seu gesto altivo e nobre, se afirmaram bem fortemente perante todo o movimento operário.

— Nada disso, contrariamos nós. V. esquece-se de que esses soldados eram trabalhadores antes de terem ido buscá-los para a vida militar.

— Não, não. Tenho informações que os operários dum obra próxima a um quartel catequizam diariamente os soldados deste, valendo-se para isso de A

da a entrevista que hoje publicamos sem qualquer comentário. Os selos apostos nas portas do nosso jornal foram de facto arranca dos ontem às 14,30. E já às 17 horas estavam impressos alguns milhares de exemplares do suplemento à *Batalla* que tão grande sucesso obteve.

Entre o armistício e a paz

A resposta dos aliados à contra-proposta alemã

PARIS, 16. — O conselho dos quatro entregará esta tarde ao conde de Bruckdorff a resposta dos aliados as suas contrapropostas para a renovação do texto do tratado emendado, umas vezdas com as emendas feitas em entrelhas a encarnado e outras vezes, pelo motivo das emendas seram grandes, em

A greve geral internacional

Uma importante reunião

-É possível que isso acontecesse. Mas seria sem nosso conhecimento, porque é algo incômodo a perspectiva de, estando a escrever-se sobre uma secretária, nos saltar à cara o tempo...
- Bem, mandarei arrancar amanhã os selos de A Batalha, para não ficar mais nada ali.
PARIS, 16. — A delegação italiana à comissão administrativa do partido socialista e os delegados da Confederação Geral de Trabalho, reuniram-se esta manhã, a fim de discutir o movimento internacional que se projecta provocar a federação nacional dos minifundiários e a ratificação.

AVANTE!

DIÁRIO OPERÁRIO DA TARDE

Iniciar-se há hoje a publicação de um novo diário operário que sairá à tarde. Será propriedade do Grupo de Propaganda Social "Avante!", e defenderá com intransigência e vigor os interesses operários.

Será seu redactor principal o nosso camarada operário gráfico Carlos José de Sousa, sendo de esperar que no novo baluarte proletário colaborem conhecidos militantes sindicalistas.

Camaradas! É necessário que ao "Avante!" não recuseis auxílio que sempre tempestado a "A Batalha", a fim de que nosso órgão fique bem firmado, tornando-se um forte e inextinguível baluarte dos trabalhadores conscientes.

Ja ao retirar-se, o director da policia de segurança do Estado manifestou desejos de avistar-se com o nosso redactor principal. Não estava este presente, como dissemos. Mas logo se tratou de procurá-lo a comunicar-lhe os desejos do director da policia, por modo que a entrevista sempre veio a effectuar-se, ás 22 e meia horas de anteontem.

Do que na entrevista se passou procuraremos dar aqui um resumo em todos os seus pontos verdadeiros e fideis, só lamentando que o não possamos dar tão completo quanto desearíamos, attentos os limites da memória humana. Que, de facto, a entrevista de anteontem digna era de um extracto taquigráfico, tão interessante eia foi nos seus mais ínfimos pormenores.

A' hora indicada acima recebei o representante da autoridade policial, no seu gabinete do governo civil, o redactor principal de *A Batalha*, acompanhado dum outro camarada desta redacção.

—Então *A Batalha* publica-se amanhã?—começou por perguntar o director, recebendo da nossa parte uma resposta negativa.

—Pedi-lhes que viessem falar-me—continuo—para avisá-los de que *A Batalha* não pode continuar a apreciar o tratado de paz pela forma como até agora o tem feito.

E, ante a expressão de espanto que no nosso semblante se pintou:

—As apreciações de *A Batalha* acor-

rente de opinião poderosissima.

—Mas a opposição é proporcional.

—A nossa situação é especial. Sino que me exprimi com uma franza que pode parecer-lhes rude. Mas claro. E julgo inútil discutirmos. Mas nunca poderemos entender-nos senhores, estão deslustrados pelo lado da Internacional. Não o estou nem posso permiti-lhes a defeza contra os operários alemães. Alias, fere a lei. Pelo menos até a assinatura do tratado de paz, que a guerra não minui ainda. Assinado o tratado não então dizer quanto quizermos: somos uns bárbaros, uns explorados, uns falsários. Creio que compreendam.

—Perfeitamente. Ou não nos oremos do tratado de paz, ou a quem nos aprecia-lo, só poderemos fazer accordo com a opinião dos delegados portuguezes a conferencia.

—Não é bem isso. O que se lhes pede é que não esqueçam a sua qualidade de portuguezes. Os senhores são ingleses.

—Mas o nosso critério é differente. Para analisarmos uma questão de direito e de justiça como-nos nuns pmaes alto, alheando-nos dessas circumstancias.

—Não podem alhear-se!

—Tolstoi, por exemplo...

—Ora, Tolstoi...

—Nós pensamos como ele.

Na do tratado da paz tem motivado apreensões sérias, muito sérias, nos representantes em Portugal das nações aliadas. E eu não posso permitir-lhes que continuem defendendo os interesses do inimigo, pelo menos enquanto o tratado de paz não for assinado, e principalmente no momento em que os nossos delegados à conferência da paz procuram agravar ainda as indemnizações impostas à Alemanha, para que assim Portugal possa receber uma compensação maior.

— Mas *A Batalha* não defende os interesses do inimigo — objectam. — Defende um critério de justiça, simplesmente. Fosse a Alemanha a vencedora, e formulasse nessa qualidade exigências semelhantes às que agora os aliados triunfantes formularam, que contra ela nos voltaríamos, indignados.

— Mas é que os senhores não podem ser imparciais. São portugueses e têm como inimigos os alemães. E' -lhes por-

— Não estejamos a estabelecer ycleos.

— Nem nós os estabelecemos, mais com Tolstoi, que isso seria destina. Mas reivindicamos o direito livre expressão do pensamento. Comprehendemos perfeitamente as condições impostas para a continuação da publicação de *A Batalha*. Achamo-las aceitáveis e, pela nossa parte, não as aceitamos. O operariado, aos inter do qual é o nosso jornal consagrar se pronunciara sobre elas.

— Pensem bem! Tem ainda n vantagem em promover o despo das classes trabalhadoras portug Do tratado é que não podem ocupa

— Mas isso é uma rólha — esclamos.

— Positivamente, uma rólha. Te-lhes falado francamente, e não de das medidas a que há pouco me r

— Fará v. o que entender, que faremos também o que entender

—E descomenchem que junto da União Fabril foram agredidos operários que desejavam voltar ao trabalho? —Com que direito lhes coartam os senhores a liberdade de trabalho?

—E com que direito nos coarta v. a. a liberdade de expressão de pensamentos?

—Eu tenho que defender a segurança do Estado e do existente. E quero ao propósito falar-lhes dum outro ponto importante. *A Batalha* tem levado a sua influência até aos quartéis com as cartas que continuamente publica, protestando contra procedimentos disciplinares. Não sei se os senhores têm consciência dessa influência...

—Evidentemente que temos. Se *A Batalha* se interessa pelos soldados, de creio que estes se interessem reciprocamente pela *Batalha*.

—Ora os operários tem-se intrometido nos quartéis fazendo uma intensa propaganda entre os soldados...

A busca à "Batalha,"

Anteontem, cerca das 17 horas, fomos surpreendidos por um grande aparato de forças que, fora da lei, assaltaram a sede da União Operária, entrando de armas na mão em todas as dependências do edifício, intimidando, com violência, todos os operários que ali se encontravam a sair para a rua, onde os esperavam, para os espancar sem dó nem piedade.

A guarda republicana, acompanhada de guardas da polícia, chamada de segurança do Estado, à mistura com civis, percorreu todas as dependências do edifício da União Operária, tendo em seguida feito uma busca na redacção e administração de *A Batalha*, onde a referida guarda, de armas sempre na mão, chegou ao cúmulo de pretender abrir as gavetas das modestas mesas da redacção deste jornal, com receio que nelas estivessem bombas...

Após esse trabalho, que levou das dezasseis às dezasseis horas, intimaram-nos a abandonar a nossa casa, motivo porque não nos foi possível comunicar com os nossos camaradas.

O atropelo de que fomos vítimas não nos surpreendeu, visto que ainda está a mandar o sr. Baptista, de braço dado com Alfredo da Silva... e respectiva quadrilha!

A guarda republicana, que foi brutal, cometeu actos de verdadeira atrocidade, tendo espancado criaturas de tórto e a direito. No entanto, na redacção e administração deste jornal, apenas encontramos lingüados de papel e as bombas que, hoje, e sempre explodirão — que são as penas com que nós trabalhamos, sem receio, sem desfalecimento de qualidade nenhuma!

Os sucessos que durante essa manhã visitamos deram constituir, sem dúvida, uma grande comédia policial, mas como nós não somos comediantes vamos, muito a sangue-frio, serenamente e com toda a calma relatar, tanto quanto possível, o que se passou durante o vergonhoso assalto à redacção e administração deste jornal.

Quando na torre — vá lá um pouco de poesia — badalaram as cinco horas, subia a calçada do Combro, a passo, seriamente desconfiada, uma grande força da guarda republicana que, de armas na mão e prontos a disparar contra os trabalhadores que se encontravam nas janelas da União Operária, intimaram, sob pena de os assassinar, a retirada desses ca-

maradas que, com toda a violência, obrigaram a sair da sede da União, um por um, sendo apalpadados à porta de saída... e devidamente sovados, como as próprias visinhas viram que, indignadas, gritavam: «E' demais! E' demais!»

Depois desse espectáculo, triste e miserável, entraram as forças... públicas na sede da União, passando a todas as dependências uma rigorosa busca, nada tendo encontrado de anormal. Em seguida, e sempre com a mesma cerimónia de entrada, bateram-nos à porta, sendo recebidos por um nosso camarada que, com toda a tranquilidade, as recebeu e lhe mostrou as várias secções deste jornal, que eles revistaram com o máximo cuidado, ficando de cara ao lado quando, depois de muito rebuscarem, apenas encontraram como corpo de delito, jornais, lingüados de papel, tinteiros, penas, mesas... e tipo para se comporem verdadeiras!

A primeira busca — porque fomos vítimas de três — foi efectuada por policiais da chamada segurança do Estado, de pistola à vista, que, entrando na administração e redacção desta gazeta, rebuscaram todos os cantos da casa, chegando um dos guardas a ir ao telhado, com receio que lá estivessem bombas!

Nada encontraram. Passados, porém, poucos segundos, bateram-nos novamente à porta e, desta vez, era a guarda republicana que estupidamente entrava, percorrendo todas as dependências da nossa casa, mexendo em tudo... em nome da lei (sic)... e do sr. Baptista!

Mas, mal ela saiu, de novo tornou a polícia do Estado, intimando a nossa saída para selar as portas, dizendo-nos que tinham encontrado duas bombas, não sabemos bem onde...

O director da polícia de segurança do Estado que, momentos antes, nos tinha deixado ficar um recado para o chefe da redacção, viu todo este espectáculo, tendo-nos obrigado a assistir à selagem das portas da administração e redacção deste jornal.

E depois de tudo isto, que representava uma violência à liberdade de pensar e à lei de imprensa, retiraram com esta triste e vergonhosa preocupação: *Quem quer, pode e manda ainda é o Alfredo da Silva, e o sr. Baptista...* e não a República que os trabalhadores, em momentos perigosos, tem defendido, arriscando a própria vida!

Congresso dos Manufactores de Calçado

Uma circular da Comissão organizadora

A Associação dos Manufactores de Calçado de Lisboa acaba de enviar as suas congéneres a seguinte circular:

Presados camaradas: — Está convocada o Congresso Operário Nacional para os dias 19, 20 e 21 de Julho do corrente, em Coimbra.

Como é de toda a conveniência, essa Associação far-se-á representar no mesmo por delegados directos.

Nestas circunstâncias a Associação dos Manufactores de Calçado de Lisboa, que esta comissão representa, reconhecendo a necessidade de se reorganizar em novas bases a Federação de Indústria, e não podendo conseguir-se esse objectivo sem que efectue uma conferência no congresso da nossa indústria, resolveu aproveitar o ensejo de a Coimbra irem delegados ao Congresso Nacional Operário da U. O. N. para que o nosso congresso se realize, e se vote, com todas as condições de vida, a reorganização da Federação.

Escusado será, por agora, encarecer a importância deste organismo, tanto para a luta presente contra o despotismo capitalista, como para a direcção da produção nacional que amanhã se chamados a assumir.

Particularmente escusado será igualmente demonstrar a importância que para a nossa indústria, incluindo mesmo os sindicatos de cortumes — que também são convidados para que a Federação de Sapataria passe a ser de couros e peles, apelo que na Federação devem dar ingresso — tem a constituição da Federação, como também para o representante da organização geral proletariana.

Para a classe, que estudará as condições da indústria de couros e peles e sapataria em todas as localidades do país, promovendo o seu melhoramento — para a organização geral, porque terá que entrar dentro da futura confederação.

Visto que a nossa classe nunca foi das últimas na organização e na acção combativa, também agora, que o tempo e a necessidade apertam, nenhum sindicato deixará de contribuir com a sua parcela de esforço, aliás em seu próprio benefício, para que concorram ao congresso da nossa indústria.

Assim, pois, como acima dizemos, esta Associação aproveita o ensejo para vos convidar para o 2.º congresso da nossa indústria e da indústria de couros e peles, tanto para se reorganizar a Federação como para se tratar de outros assuntos.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

As greves

Soldadores

NAZARE, 18. — Terminou, com vitória para os industriais, a greve dos soldadores desta vila que não conseguiram, ainda desta vez, ver satisfeitas as suas reclamações. Embragados pelo fumo da vitória, os industriais entregaram-se à prática das mais infames represálias, despedindo os organizadores do movimento, julgando sua existência poder manter por muito tempo os seus escravos na sujeição. Terceira! Não se desespere e a consequente desfilusão.

Avizinha-se a hora da luta final: as notícias que lá de fora nos chegam mostram bem que está prestes a findar o regime da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem, e então terão os exploradores de lutar à força, não o pouco que agora se lhes pede, mas sim tudo!

Que ninguém desanime!

Deixemos que os porcos esfreguem as mãos de contentamento, deixemos-os que ainda não de cozer na cabeça...

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

Reuniões para discussão de assuntos de interesse geral, sob o patrocínio da Associação.

O encerramento da sede da U. O. N. e da Federação da Construção Civil

O governo acaba de encerrar a sede da Central dos Sindicatos e da Federação da Construção Civil. Esquecendo-se das lições do passado, os homens que hoje governam, seguem o mesmo caminho dos seus antecessores.

Não hesitam em criar uma atmosfera de hostilidade e revolta entre o proletariado consciente, julgando que conseguem deter a onda de revolta e emancipação que rola sobre todo o mundo, com as suas violências absurdas e revoltantes.

Estão seladas as portas da União Operária Nacional. Mas nem por isso ela deixará de existir. Para lhe porem termo, para de vez a exterminarem, tinham que fusilar dezenas de milhares de operários, que a U. O. N. dão o seu pronto e constante apoio.

Não deixaremos, no entanto, de energeticamente protestar contra tal violência de um governo democrático e... liberal. E que este facto seja mais uma lição para o operariado, a fim de que ele se convença de que todos os governantes, qualquer que seja o seu rótulo político, nunca deixarão de defender intransigentemente os interesses burgueses, esmagando... dosamente os que trabalham, o que tudo produzem.

O digno quadro tipográfico de um digno jornal

Nenhum jornal da manhã ou da noite se publicou anteontem. Os quadros tipográficos desses jornais, como, de resto, as classes gráficas em geral, aderiram à greve de protesto e de solidariedade para com os operários da Companhia União Fabril com um entusiasmo sem precedentes, numa notabilíssima manifestação de consciência. Em virtude disso, não tiveram os jornais da manhã ou da noite operários que os fizessem. Há uma excepção, tão certo não haver regra que as não tenha, nem rebanho sem uma ovelha ranhosa e gafada de que as outras se afastem enojadas.

Pois houve uma excepção: *O Século*. Este jornal publicou-se anteontem, sabendo a empresa que o dirige, e sabendo os operários que o manufacturam que nenhum outro jornal se publicaria. Os tipógrafos que compõem o quadro do *Século* não duvidaram em cobrir-se de vergonha, pondo uma nota desonrosa, de tração na bela página de solidariedade que representa o procedimento dos tipógrafos de todos os outros jornais. Nenhum destes compareceu ao trabalho, porque a greve de 48 horas havia sido declarada por quem de direito, e porque uma razão de eminentíssima justiça a determinara. Cumpriram o seu dever, e cumpriram-no numa maneira exemplar. Pois nem este exemplo nem este incentivo, exerceram influência naqueles operários. A gente do *Século* entrou nas oficinas submissa, acarneirada, abulhada. Trabalhou para a manufactura do único jornal que ontem se publicou em Lisboa, e trabalhou sob a guarda da tropa que a empresa fizera instalar no edifício, sob a protecção das patrulhas que rodeavam as oficinas.

Não poderão consignar-se no livro amarelo das trações operárias, muitos casos em que, como neste, a indignidade e a falta de carácter se patenteiam tão baixas.

O quadro tipográfico do *Século* não está filiado na associação respectiva. Se o estivesse seria agora expulso, por uma medida espontânea de higiene e depuração do meio sindical. Fora cevados! Fora carneiros! Mas não está filiado. Ao menos não coerentes na tração, os amarelos. Não acompanharam nunca os esforços das associações gráficas. Encurralados no *Século*, preferem ir rilhando rastejantes os ossos que a emprega lhes atira, a reivindicar na qualidade de homens livres, os direitos que lhes assistem: Achem mais cômodo engulir tanta humilhação a empresa lhes infligir a erguer a cabeça altivamente. E foi assim que os tipógrafos do *Século*, alheados do procedimento dos seus colegas dos outros jornais, ingressaram na oficina, quando os operários de todas as outras classes abandonavam o trabalho para demonstrar aos camaradas da Companhia União Fabril que não os deixavam sós na luta contra o potentado Alfredo da Silva e contra os governantes que o protegem.

Note-se agora que o procedimento da empresa de *O Século* está em correspondência absoluta com o procedimento do seu quadro tipográfico. Tal patrão, tais operários: A empresa do *Século*, sabia que os outros jornais se não

publicariam. Sabia-o bem, e isso lhe impunha o dever, ditado pela solidariedade de classe, de não sair também com o seu jornal. Mas pareceu-lhe o momento propício à recolha de lucros fartos, dada a ausência de competidores. E, aproveitando-se da traição do seu quadro tipográfico, publicou-se *O Século*, camaleão de sempre. *A Batalha* poderia também ter-se publicado ontem de manhã, que lhe não faltavam camaradas gráficos para manufacturá-la. Três edições que nós quizessemos publicar e teríamos os trabalhadores necessários. Mas preferimos não a publicar, exactamente num momento em que essa publicação não era mais necessária, só para que nós não pudessemos supor impulsionados pelo desejo do ganho. Já *O Século* se não deve ante nenhuma odista consideração. Vive para a ganância e não perde enojo que se lhe afogue rendoso. O seu quadro está sempre disposto e obediente. Um digno quadro para um digno jornal. Nem feito de propósito!

OS DEPORTADOS

Uma situação verdadeiramente angustiosa — Por que se não repatriam esses homens?

Por mais de uma vez nos temos referido à afilhada situação dos camaradas deportados quando da greve geral de Novembro contra a carestia da vida. Se entre os homens do Estado houvesse alguns de coração, bom de há muito que os deportados teriam sido devolvidos aos carinhos de suas famílias. Mas não sucede assim. Tudo o que temos dito tem sido em vão; eles a nada se demovem, porque acima de tudo são ferozes guardas da burguesia.

Temos registado nestas colunas cartas de angústia e súplica, chegamos bastante fortes a despeito das centenas de flegas que deles nos separam. Hoje vamos publicar trechos sentidos de uma carta que acabamos de receber, e nenhum homem de coração bem formado deixará de sentir a tremenda justiça que assiste aos trabalhadores, ao reclamarem a vinda dos deportados.

Diz-se nessa carta, de que não publicamos o nome do autor, por motivos facilmente compreensíveis, conservando-lhe a simplicidade e a rudeza do estilo:

«A minha vida aqui é muito crítica e triste. Não faço senão chorar e estou metido em formaturas, trabalhando que nem um escravo sem ganhar nada. Logo de manhã, quando me levanto, tenho de proceder à remoção dos dejectos de 360 homens. Tenho depois uma formatura, para receber o café que é verdadeiramente horrível. O meu trabalho consiste em andar numa montanha muito alta, a acarrear pedras grandes e para baixo. Custa muito a subir essa montanha porque está cheia de areia, succedendo que quanto mais depressa se quer andar, mais se enterram os pés. Além de nós, caminha um sargento, munido de um cavalo macho, com que nos bate até espirrar o sangue quando nos recusamos a marchar com a rapidez que ele quer. A comida vem numa lata, cheia de bichos de toda a qualidade, constando geralmente de meia dúzia de feijões, com algum caldo que não passa de água. E trabalhamos horas e horas, com a barriga vazia. As formaturas duram tempos infinitos, com o que bastante padecemos, devido ao sol ardentíssimo.

Muitos dos presos tem a paciência de tirar os bichos, mas quando chegam ao fim de tal flegma, quasi que não tem flegma, pois está e quasi que constituido por tal porcaria, outros, como a fome é muita, fecham os olhos e marcam tudo.

Quando acaba o trabalho, estamos durante muito tempo tirando os parasitas que literalmente nos cobrem, pois todos estamos num estado vergonhoso.

«O Combate»,

Comunicou-nos ontem a redacção do nosso colega *O Combate*, que devido ao adiamento da hora a que recebeu a notícia de ter terminado a greve dos quadros tipográficos, não pôde, conforme era seu desejo, e ainda por não se encontrar na sua redacção quem superiormente deliberasse sobre o caso, sair ontem com um suplemento.

«O Combate»,

Comunicou-nos ontem a redacção do nosso colega *O Combate*, que devido ao adiamento da hora a que recebeu a notícia de ter terminado a greve dos quadros tipográficos, não pôde, conforme era seu desejo, e ainda por não se encontrar na sua redacção quem superiormente deliberasse sobre o caso, sair ontem com um suplemento.

«O Combate»,

Comunicou-nos ontem a redacção do nosso colega *O Combate*, que devido ao adiamento da hora a que recebeu a notícia de ter terminado a greve dos quadros tipográficos, não pôde, conforme era seu desejo, e ainda por não se encontrar na sua redacção quem superiormente deliberasse sobre o caso, sair ontem com um suplemento.

«O Combate»,

Comunicou-nos ontem a redacção do nosso colega *O Combate*, que devido ao adiamento da hora a que recebeu a notícia de ter terminado a greve dos quadros tipográficos, não pôde, conforme era seu desejo, e ainda por não se encontrar na sua redacção quem superiormente deliberasse sobre o caso, sair ontem com um suplemento.

«O Combate»,

Comunicou-nos ontem a redacção do nosso colega *O Combate*, que devido ao adiamento da hora a que recebeu a notícia de ter terminado a greve dos quadros tipográficos, não pôde, conforme era seu desejo, e ainda por não se encontrar na sua redacção quem superiormente deliberasse sobre o caso, sair ontem com um suplemento.

«O Combate»,

Comunicou-nos ontem a redacção do nosso colega *O Combate*, que devido ao adiamento da hora a que recebeu a notícia de ter terminado a greve dos quadros tipográficos, não pôde, conforme era seu desejo, e ainda por não se encontrar na sua redacção quem superiormente deliberasse sobre o caso, sair ontem com um suplemento.

«O Combate»,

Comunicou-nos ontem a redacção do nosso colega *O Combate*, que devido ao adiamento da hora a que recebeu a notícia de ter terminado a greve dos quadros tipográficos, não pôde, conforme era seu desejo, e ainda por não se encontrar na sua redacção quem superiormente deliberasse sobre o caso, sair ontem com um suplemento.

«O Combate»,

Comunicou-nos ontem a redacção do nosso colega *O Combate*, que devido ao adiamento da hora a que recebeu a notícia de ter terminado a greve dos quadros tipográficos, não pôde, conforme era seu desejo, e ainda por não se encontrar na sua redacção quem superiormente deliberasse sobre o caso, sair ontem com um suplemento.

Os quadros tipográficos dos jornais

ante a atitude das empresas jornalísticas

Encontravam-se em paralisação total — excepção feita ao quadro tipográfico de *O Século* — por solidariedade para com os operários da Companhia U. F., vítimas do potentado Alfredo da Silva, os tipógrafos dos jornais.

Como os nossos leitores já conhecem, pelo nosso suplemento ontem publicado, logo que as nossas oficinas foram apostos os selos do Estado impedindo que *A Batalha*, por esta forma, se publicasse, a assembleia dos quadros tipográficos dos jornais de Lisboa, anteontem reunida para resolver a atitude a seguir perante essa violência, ponderou um documento aprovado pelo Conselho Central da Federação do Livro e do Jornal e tornado público no nosso número 54, de 18 de Abril p. p., entre grande entusiasmo, ratificado pela seguinte moção:

«Os quadros tipográficos dos jornais de Lisboa, tomando conhecimento das medidas adoptadas pelo governo com o intuito de obstar à publicação do órgão operário *A Batalha*, e convidados a definir uma atitude em presença desse facto resolvem: Não retomar o trabalho em nenhum dos outros jornais, ratificando assim as declarações feitas pelo representante de *A Batalha* na reunião das empresas jornalísticas, enquanto as medidas repressivas do governo se fizerem sentir e enquanto a publicação do órgão operário não for, por qualquer maneira, dificultada.

Esta moção foi assinada pelos quadros tipográficos dos jornais: *Diário da Notícias*, *A Voz*, *A Manhã*, *A República*, *A Epoca*, *O Combate*, *O Mundo*, *Jornal do Comércio* e *das Colónias*, *A Capital*, *A Opinião*, *A Luta*, *A Vanguarda* e *O Jornal da Tarde*.

Porém, depois de uma demarche dum comissão da Federação do Livro e do Jornal, junto do chefe da polícia de segurança do Estado foi enviado ao presidente dessa assembleia o seguinte ofício:

«Polícia de Segurança do Estado. N.º 273, Serviço da Repressão. — Lisboa, 18 de Junho de 1919. — Ex.º Sr. Presidente da Assembleia Geral da Federação do Livro e do Jornal. — Lisboa. — Em harmonia com o que me foi exposto pela comissão que lhe trouxe a esta Repressão, cumpre-me informar o seguinte: Não está suspensa a publicação do jornal *A Batalha*, nem está no meu animo retaliar a atitude que este jornal mantém dentro de uma atitude correcta e ordeira. Como, ao contrário, terei que usar de medidas repressivas que irão até a expulsão do país dos redactores e dirigentes do mesmo jornal. Saúde e Fraternidade. O director, A. Pinto Teixeira.

Teve a Federação do Livro e do Jornal conhecimento de que, pelas 14 horas de ontem, haviam sido quebrados, pela autoridade, os selos que impediam que o nosso jornal se publicasse, pelo que se apressou a enviar, por próprio, o seguinte ofício dirigido a todas as empresas jornalísticas, excepção feita a *O Século*:

«Ex.º Sr. — Havendo cessado os efeitos que determinaram a paralisação dos quadros dos jornais por solidariedade para com o quadro operário *A Batalha*, ontem arduamente suspenso pela aplicação de selos nas portas das suas oficinas, vimos trazer ao conhecimento de v.ª este facto, podendo o quadro retomar a sua actividade profissional. Lisboa e Sala das Sessões da Federação do Livro e do Jornal, 19 de Junho de 1919. — O secretário adjunto, Adolfo Nunes.

A tal atitude deste organismo, responderam as empresas jornalísticas, com inclusão desta vez — de *O Século*, com a suspensão de todos os jornais diários de Lisboa.

Ante tal atitude, reuniram ontem pelas 23 horas, na sede da Federação do Livro e do Jornal, os quadros tipográficos dos jornais de Lisboa, que aproveitaram um *Boletim da Imprensa* que ontem foi vendido ao preço de 1 centavo e, depois de entusiástica discussão, repetindo todas as gratitadas afirmações feitas no ofício, foi aprovado o seguinte documento:

«Considerando que o manifesto da imprensa é um insulto à classe tipográfica, e considerando que essa mesma imprensa tenta por qualquer forma desviar a atenção do publico, para com a maneira de ver no procedimento da classe tipográfica, ponderamos a atitude que *A Batalha*, *O Combate*, *O Mundo*, *Jornal do Comércio* e *das Colónias*, *A Capital*, *A Opinião*, *A Luta*, *A Vanguarda* e *O Jornal da Tarde*, alguns dos seus redactores foram expulsos por violadores e vendidos ao inimigo.

«Considerando também que os actos de cariz violento e atrevidos da situação da imprensa:

«Considerando que a classe tipográfica não pode por maneira alguma aceitar o exposto nesse manifesto que a ultraja;

«A assembleia resolve:

1.º Rescindir de todas as empresas jornalísticas o apoio que até a data se lhe tem dado, no caso de qualquer suspensão arbitrária, assalto ou outra qualquer violência, contra o jornal *A Batalha* e *O Combate*, ou quaisquer outros jornais que porventura os venham substituir.

2.º Dar todo o seu apoio ao jornal *A Batalha*, e pedir que continue na bela luta que está a fazer.

3.º Não tomar resolução alguma até que as empresas jornalísticas venham ao nosso encontro.

«Que quando a classe for convidada a retomar os seus lugares, o não faça, sem que lhe sejam satisfeitos os salários respectivos e de que não haja mais retrocesso.

«Pelo adiamento da hora foi suspensa a sessão, que deve reabrir hoje, pelas 13 horas.

Todos os tipógrafos dos jornais diários de Lisboa devem comparecer hoje, pelas 9 horas, para tratar de um assunto importante e que se prende com a organização de turnos para diferentes trabalhos gráficos.

Saudações a *A Batalha*.

Durante a noite de ontem recebemos, nesta redacção, grande número de cartas de saudação a *A Batalha*, louvando a nossa atitude e de não nos esquecermos.

Pessoalmente também vieram a este jornal bastantes camaradas nos felicitar, louvando o nosso procedimento, abraçando-nos com entusiasmo e com esperança em melhores dias.

Também o Grupo Dramático e Musical Solidário da Construção Civil nos veio felicitar, bem como a Federação do Livro e do Jornal, pela atitude que tomaram perante a violência de que fomos alvos.

Um grupo de camaradas nossos abriu uma subscrição, no Clube de Chuveiros, para render 1835 de destinada a beneficiar os gráficos que são alimentados, dando a maior prova de solidariedade neste momento.

A todos, pois, a nossa reconhecida gratidão. — Associação e União da Classe dos Descarregadores de Mar e Terra envia-nos a seguinte saudação, que agradecemos: «Esta associação, congratula-se pelo reaparecimento do jornal *A Batalha*, e protesta, energeticamente, pelo encerramento da União Operária Nacional e Federação da Construção Civil, felicitando a Federação do Livro e do Jornal pela sua energia atitudinal».

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil. — Em reunião deste organismo, ontem efectuada, foi apreciada a atitude das autoridades, que, a pretexto de uma busca, de que não resultaram quaisquer responsabilidades para as classes instaladas na sua sede, ordenaram o seu encerramento, sendo contra tal facto, lavrado um veemente protesto.

— São avisados todos os operários desta indústria, assim como suas famílias, que hoje, das 11 às 15 horas, na travessa da Agua de Flor, 55, estão delegados desta Federação para receberem reclamações respeitantes a camaras sindicadas que se encontram presos.

Também se aceitarão reclamações sobre despedimentos ou qualquer espécie de represálias, que se dê nas obras, quer do Estado, quer particulares.

— A 20 horas devem comparecer no vestíbulo da sede federal delegados de todas as obras do Estado e particulares, a fim de lhes ser comunicado o assunto de importância para os operários desta indústria.

Associação dos Pedreiros. — É convidada a direcção deste sindicato a reunir, hoje, pelas 21 horas, para dar despacho de expediente.

Sindicato Unico Metalúrgico. — São convidados todos os camaradas a reunir hoje, pelas 16 horas, na sede desta Associação, a que deve assistir um delegado do Sindicato.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil. — A comissão administrativa da sede federal, convida todas as direcções e comissões administrativas dos organismos ali instalados, a reunirem hoje, às 21 horas, na União dos Operários Barbeiros, rua do Arco Marquês Alegre, 30, 2.º, direito.

Conservas. — Convidam-se os soldados e trabalhadores das fabricas de conservas de Lisboa, Almada e Setúbal a reunir depois de amanhã, pelas 14 horas, na sede do Sindicato Unico Metalúrgico, à rua da Esperança, 204, 2.º.

Movimento gráfico

Prosegue energeticamente o movimento das casas de obras

Prosegue com o mais ardente entusiasmo a greve gráfica em todos os ramos da indústria do livro, tendo reunido as classes ontem pelas 21 horas.

Abriu a sessão o camarada secretário geral da Federação, que comunicou à assembleia a adesão, no ramo de fotografia, das seguintes casas: Carlos Vazquez, Luis Rocha, Santos e Raposo e Alberto Bastos, e o encerramento das oficinas gráficas da Nova Companhia Nacional de Moagem. Leu-se ainda um ofício da Liga das Artes Gráficas de Setúbal em que comunica que os proprietários da oficina A Gráfica, Lda, de Lisboa haviam levado para as oficinas de Pereira e Pereira, de Setúbal, um volumoso masso

